

Negros festejam amanhã data da morte de Zumbi

A história da Abolição da Escravatura começa a ser contada de forma diferente da dos livros de história, onde o negro é visto apenas como um personagem passivo. "Os negros que foram trazidos para cá eram reais dentro do seu habitat, e já desenvolviam, na África, atividades ligadas ao ouro e à agricultura", queixam-se integrantes das entidades negras. Por isso, o 20 de Novembro, aniversário da morte de Zumbi dos Palmares é mais importante que o 13 de Maio. Para eles, Zumbi representou o marco de luta pela liberdade e os negros festivamente comemoram essa data amanhã, com o Dia Nacional da Consciência Negra, em um País onde quase a metade da população é dessa raça.

Segundo eles, a solução para o racismo, "que apenas mudou de cara, é a organização em entidades, realizando atividades culturais que devem ao exercício pleno da cidadania dos negros. Aqui, em Pernambuco, existe o maior número de negros do País depois da Bahia, como garante Telma Chase, do Cenpe - Conselho de Entidades Negras de Pernambuco, que reúne nove destas entidades, todas desenvolvendo trabalhos político-culturais que objetivam colocar a cultura negra numa posição valorizada perante a sociedade.

Do início da década de 80 para cá, cerca de quinze movimentos negros surgiram no Estado. Os negros reconhecem que o nível de conscientização aumentou consideravelmente, como afirma Telma Chase, mas ainda está aquém do esperado. "Normalmente, as pessoas acham que as entidades estão mais fortalecidas, mas é assumido. Hoje existe uma tolerância maior da sociedade perante o negro, que virou moda".

O dia 13 de Maio, comemorado amplamente, no ano passado, como data da Abolição da Escravatura é visto por eles como "Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo". "Se essa Lei Aurea tivesse beneficiado mesmo os negros, no dia 14 eles não estariam sem casa para morar, sem alternativas de vida nem começariam a ser perseguidos como aconteceu. Hoje, mudaram os papéis e o escravo é o subempregado, o favelado. Porque poucos dos nossos irmãos têm acesso às escolas, e o maior índice de mortalidade, de prostituição e de presídios é de negros", afirmou Zumbi

Bahia, também integrante do Cenpe.

MARACATUS

O programa de exaltação a negritude do Cenpe está voltado, atualmente, para o resgate dos Maracatus, que estão em processo de extinção. O Conselho está fazendo um levantamento do número de maracatus existentes no Estado e elaborando propostas de medidas alternativas a curto prazo.

O Leão Coroado, o mais antigo de todos, fundado em 1863 e que funciona no Córrego do Totó, na Bomba do Hemetério, tem como presidente Luiz de França, de 88 anos, e é considerado um marco de resistência forte dentro da história, porque saiu pela última vez neste carnaval em condições precaríssimas.

O maracatu faz parte da cultura de Pernambuco com base na vida africana, porque nasceu aqui no Recife, no bairro da Boa Vista, "por tios da Costa da África trazidos para cá", como explicou Ivo Rodrigues. E constitui uma verdadeira nação afro, que envolve dança, ritmo e um cortejo com todos os elementos que compõem uma corte real.

Alguns dos maracatus não possuem relação com o candomblé, mas os de baque virado, a grande maioria, estão estreitamente ligados com esta religião. Há uns 50 anos, os maracatus tiveram seu período áureo por aqui, mas, hoje, só são vistos seis deles: o Leão coroado, Estrela da Tarde, Piaba de Ouro, Nação Elefante, Estrela Brilhante e Encanto do Pina.

Os trabalhos em comemoração ao 20 de Novembro, também envolvem uma exposição de cartazes sobre a resistência negra no Brasil e de expressões da cultura negra em miniatura, no hall da Casa da Cultura até amanhã, além de duas manifestações político-culturais. Uma às 20h de hoje na sede do Maracatu Cruzeiro do Forte, nos Torrões, e a segunda, amanhã, na sede do Leão Coroado, Bomba do Hemetério no mesmo horário.

Estão participando dos eventos também o Grupo Cênico Liberdade, Balé Arte Negra de Pernambuco, Afoxé Povo de Obalá, Afoxé Odolupandá, Grupo Cultural Afro Axé, Banda Quilombo Axé, Grupo Angoleiros Arte Negra, Escola Gigante do Samba e Grupo de Dança Cleonice Veras.

Ívano e a Covardia do Sistema



Neste show-denúncia, Ívano propõe uma sociedade mais justa, onde cenas como esta desapareçam por completo

Amanhã o Brasil comemora o Dia Nacional da Consciência Negra. Para marcar a data, o cantor compositor Ívano realiza a partir das 20 horas, no Pátio de São Pedro o show **Covardia do Sistema**, numa promoção da Fundação de Cultura Cidade do Recife.

O espetáculo é definido pelo artista como “uma denúncia em prol de uma sociedade mais justa, amiga e confortável, onde cenas como crianças se alimentando do lixo e pessoas sendo oprimidas simplesmente desapareçam do nosso panorama universal”.

Acompanhando Ívano estará a Banda Rebeldia, formada pelos músicos Jau Mello (bateria), Júnior (guitarra base), Beregedê e Mussarela (percussão e efeitos especiais), Will (sax alto), Walmar (trompete e arranjos para metais), Israel (trombone de vara Ednaldo Lima (participação especial).

Morte de Zumbi é lembrada no Recife

Ivson Queiroz

Novembro é um mês especial para a raça negra. Fatos pouco lembrados pela história oficial, mas que têm um significado muito grande para a luta dos negros em ser livres, como afirma a militante e uma das fundadoras do Centro Solano Trindade de Pesquisa e Documentação Afro-pernambucano Inaldete Trindade, aconteceram nesse mês, no decorrer da história.

Foi com esse espírito de liberdade que no dia 12 de novembro de 1910, a segunda década da República assistia ao acontecimento que ficou conhecido como a Revolta da Chibata. Nesta data, o marinheiro João Cândido, heroiicamente chamado de o "almirante negro", tripulante do encouraçado Minas Gerais chefiou um motim, apontando os canhões para a cidade do Rio de Janeiro, exigindo o fim dos maus tratos nas embarcações da Marinha, então com um

grande contingente de negros em suas patentes mais inferiores, e a anistia dos amotinados. Depois que o Governo atendeu às exigências, os marinheiros, ao descerem do navio, foram atacados por tropas terrestres e os que não morreram, foram desterrados para o Acre. O episódio inspirou a dupla João Bosco/ Aldir Blanc a compor a famosa "Mestre Sala dos Mares", imortalizada na voz de Elis Regina.

Outra data importante é 10 de novembro de 1975, quando Angola tornou-se nação independente. Mas a grande herança histórica que novembro deixou à raça negra é simbolicamente fixada no dia 20 de novembro de 1695, quando comemora-se a morte de Zumbi dos Palmares. Para o negro conhecedor de sua história, já que a maioria absoluta continua marginalizada nos guetos da marginalização, a destruição do quilombo dos Palmares, maior símbolo de

resistência à opressão e a inflexibilidade do racismo, e a morte de Zumbi representa o ápice de uma luta que ainda hoje assusta o planeta: a discriminação irracional, emblema de uma sociedade que ainda não conseguiu livrar-se do "apartheid".

"Combate Malê/Dá três pulos aí, saci/Se atira no espaço por nós, Zumbi/Joga a chibata João, no mar que te ampliou... Essa visão libertária, cantada também por João Bosco/Blanc, é a referência que diversos grupos ligados ao Movimento Negro continuam apegados. Durante a semana passada e por todo o dia de hoje, eles comemoram novembro com atividades que buscam resgatar a importância do negro para a nossa formação sócio-cultural.

O Conselho das Entidades Negras de Pernambuco - Cenp, grupo que congrega entidades que trabalham com expressão artística, principalmente música e

dança, encerra, hoje à noite, no Torreão e no Corrego do Totó, na Bomba do Hemetério, suas comemorações, como também promove a Exposição de Miniaturas, com representação de figuras do Maracatu, Afoxé e Orixás, na Casa da Cultura, da artesã Lourdes Pereira.

O Movimento Negro Unificado, por sua vez, promove vigília silenciosa, das 12 às 24h de hoje, no Parque 13 de Maio. A vigília é um protesto contra a não alteração do nome do parque para 20 de Novembro, pela Câmara Municipal, que vetou, há cerca de dois anos, o projeto neste sentido do vereador Vicente André Gomes. Segundo Inaldete, se a intenção de colocar o nome do parque foi homenagear a raça negra, já que a data registra a assinatura, pela princesa Isabel, da Lei Aurea, ela caiu no vazio: "Neste nome não há significado para a população negra", contesta.

O negro e a sucessão presidencial

Sylvio Ferreira

Por mais obscuros e oportunistas que possam ter sido os motivos que levaram Antônio Pedreira a candidatar-se à Presidência da República, um fato, entretanto, pelo inusitado que revela, merece a devida atenção e registro: pela primeira vez no Brasil um candidato concorreu ao mais alto posto da Nação e fez da temática racial o principal assunto ou plataforma da sua campanha.

Era evidente que a sua candidatura não possuía a consistência político-eleitoral necessária que a fizesse merecedora de crédito ou pudesse vir a ser levada em consideração. Talvez, até mesmo, ele fosse um dos muitos candidatos de aluguel de que tanto se falou e que só contribuíram para que o Horário de Propaganda Eleitoral Gratuito do Tribunal Superior Eleitoral mais parecesse um circo do que qualquer outra coisa. Mas, isso são outros quinhentos que não pretendo aqui analisar.

O que, de fato, chamou a atenção na candidatura de Antônio Pedreira (por mais bizarra ou esdrúxula que ela pudesse parecer, sobretudo, quando avaliada no cômputo geral de sua participação no Guia Eleitoral) foi que o candidato do Partido do Povo Brasileiro (PPB) apregou, sistematicamente, a sua condição racial, ao mesmo tempo em que conduziu a sua campanha visando a sensibilizar determinado segmento eleitoral da população brasileira do qual se diz defensor e é oriundo: a raça negra.

Embora, particularmente, nem aposte no êxito nem tampouco seja entusiasta da realização de uma campanha eleitoral centrada unicamente em bases raciais no Brasil, por mais seduto-

res que sejam os motivos ou apelos de qualquer candidato negro nesse sentido (sobre o assunto, já tive oportunidade de externar o meu ponto de vista em artigo publicado no próprio DIÁRIO DE PERNAMBUCO, em 22 de março de 86, sob o título "Voto Racial no Brasil"), no entanto, acredito, firmemente, que uma candidatura, como a de Antônio Pedreira, pode muito bem representar, a médio e a longo prazos, ganhos secundários importantes com relação ao avanço da luta do negro neste País.

O simples fato em si de Antônio Pedreira ter proclamado à população brasileira, através do Guia Eleitoral, em cadeia nacional de rádio e televisão, a sua origem racial e mostrar-se por detrás desse gesto se escondia alguma atitude demagógica, pois, no terreno da política aquilo que se diz, quase sempre, produz mais efeito do que aquilo que se pensa), já se constituiu, ao meu ver, numa contribuição significativa ao avanço da luta a que me referi anteriormente, sobretudo, se levarmos em consideração o fato de que vivemos numa sociedade em que, por várias razões, muitos negros ainda se sentem pouco à vontade para falar abertamente da herança racial que possuem.

Por sua vez, alguém anunciar-se publicamente como negro e bater, insistentemente, nesta tecla, como fez Antônio Pedreira, contribui, também, para que a população em geral aceite com naturalidade e sem preconceito esse fato e deixe, desse modo, de ser tão eufemística quando tiver que se referir a alguém que é negro. É impressionante o malabarismo verbal do qual as pessoas lançam mão no Brasil -

quando não têm o propósito deliberado, é claro, de ofender alguém - para evitar ter que usar a palavra negro. Vários são os vocábulos a que elas recorrem eufemisticamente com esse objetivo: "aquele moreninho", "aquele escurinho", "aquele cor de chocolate", "aquele marrom", "aquele cor de café" etc.

Tudo isto acaba resultando, entre nós, na preparação de padrões de relacionamentos sócio-raciais profundamente fictícios. Senão vejamos: alguém que quer se referir a uma pessoa qualquer que é negra - não em a menor dúvida que ela realmente o seja - evita, em geral, o uso de tal palavra como se a mesma fosse um motivo de vergonha ou desonra para aqueles indivíduos que reconhecidamente possuem raízes africanas. E, assim, por extensão, os próprios negros acabam introjetando esse tipo de mentalidade ou idéia preconceituosa, geradas no seio da sociedade, sobre eles mesmos: o que termina fazendo com que muitos deles passem a se envergonhar das suas raízes e procurem, inutilmente, escapar da inelutável condição que o destino lhes impôs.

É preciso acabar, definitivamente, no Brasil, com a falsa idéia de que o reconhecimento puro e simples de um fator de diferenciação qualquer (seja ele: racial, étnico, religioso, sexual etc.) implica, necessariamente, na adoção de práticas discricionárias. As diferenças entre os indivíduos e grupos de indivíduos existem concretamente e são um dado de realidade. Negar o reconhecimento de tais diferenças em nome de uma pretensa polidez ou cordialidade na área das relações interraciais termina resultando, por fim, numa atitude bem mais preconcei-

tuosa do que simplesmente ter que reconhecer e admitir - sem nenhuma hipocrisia - a existência de tais diferenças.

Se, realmente, como muita gente afirma, não existe preconceito racial no Brasil, por que será, então, que as pessoas se utilizam de tantos subterfúgios para evitar referirem-se a um negro como negro? O mal-estar que a referida palavra ainda causa nas pessoas ao proferi-la apenas revela que não conseguimos superar, de fato, as nossas dificuldades com relação à questão do negro neste País. Seguramente, nunca conseguiremos superar tais dificuldades enquanto não adotarmos a atitude madura de encarar a problemática racial no Brasil da forma mais honesta e sincera possível. Enquanto evitarmos encarar a questão de frente e continuarmos fazendo da palavra negro uma espécie de tabu linguístico, dificilmente o preconceito racial terá fim.

Ao contribuir, mediante a sua candidatura, para que a população visse com naturalidade estas e outras questões mais relacionadas ao negro, Antônio Pedreira acabou prestando, inevitavelmente, uma valiosa ajuda para o avanço da luta do negro na sociedade brasileira. Ademais, se esse aspecto por si só não fosse suficiente para justificar o seu gesto em lançar-se candidato à Presidência da República, o simples fato em si de um negro ter participado da sucessão presidencial já representa muito numa sociedade em que - como sabemos - um negro já mais chegou a ocupar a posição de técnico da Seleção Brasileira de futebol (mesmo sendo notório o fato de que o esporte bretão no Brasil é formado, em grande parte, por atletas negros).

Negro luta para acabar discriminação racial

“O negro brasileiro ainda enfrenta a discriminação e o preconceito racial dentro da nossa sociedade”. A afirmação é de Sylvio Ferreira, psicólogo e professor da Universidade Federal de Pernambuco, que desde sua juventude luta pela defesa dos direitos do negro no Recife.

Ontem, Dia Nacional da Consciência Negra, Sylvio fez uma análise da situação dos homens de cor no País e relembrou momentos e fatos marcantes desta luta no Recife. Para Sylvio, apesar da existência, há dez anos, do Movimento Negro Unificado, o avanço da luta pela defesa dos direitos do negro foi mínimo no campo político. “Culturalmente, contudo”, ele explica, “a situação evoluiu e hoje as manifestações afro-brasileiras são divulgadas e conhecidas em todo o País”.

Sylvio considera que a lentidão do processo se deu por dois motivos básicos: o primeiro, por os líderes do movimento ainda não estarem atentos para a importância de ações políticas organizadas que deveriam ser levantadas pelo movimento, que, segundo ele, ainda está ligado a idéias retrógradas que incentivam a luta física e moral do negro contra o branco e a idealização da África como sendo a pátria perfeita para o homem negro. “Essas idéias estão impedindo o fortalecimento do movimento dentro da sociedade”, disse. O psicólogo alerta ainda como sendo o segundo motivo para a questão de que a luta do negro é “esfriada” por serem o preconceito e a discriminação no Brasil camuflados e, por isso, mais difíceis de serem combatidos. “O negro conseguiu, finalmente, chegar ao estágio no qual ele se assumiu, mas a sociedade, de maioria branca, ainda não conseguiu colocar abertamente que é preconceituosa e discrimina o homem por sua raça”, diz ele.

COLÉGIO

Desde os tempos da adolescên-



Ferreira: preconceito implícito

cia quando ainda estudava no Ginásio Pernambucano, Sylvio Ferreira se mostrou curioso quanto à história e aos estudos antropológicos e sociais do negro dentro da sociedade pernambucana. Influenciado por revistas negras norte-americanas, que por ele eram “devoradas”, ele conseguiu reunir dentro do colégio um grupo de colegas negros que, a princípio nos esportes e depois nas atitudes e vestimentas, conseguiu exprimir os sentimentos e mágoas de sua raça para todo o colégio. Sylvio lembra que eles foram os primeiros negros no Recife a adotarem a moda do cabelo “black power”, que chamava atenção e até “horrorizava” as pessoas. Considera que estes anos de manifestações juvenis e sem significado político algum o ajudaram a entender melhor suas origens e, principalmente, a

lhe abrir os olhos para a importância de uma conscientização da sua raça para a luta por uma vida melhor, justa e sem preconceitos.

O grupo do colégio se desfez com o tempo. O Governo Militar se instalou no País e reprimiu qualquer tipo de manifestação que pudesse gerar conflitos de qualquer espécie. Este silêncio político calou também os primeiros movimentos negros no Recife defendidos por Gilberto Freyre e intelectuais da época.

Mas, em 1978, com o início da abertura política, as vozes sofridas que ecoavam na época abolicionista do Quilombo dos Palmares voltaram a ser ouvidas. Em homenagem ao mártir negro assassinado, Zumbi, a data de 20 de novembro passou a ser comemorada como o Dia Nacional da Consciência Negra, marcando assim o reinício do movimento negro no País. No Recife, o movimento chegou um ano depois. Sylvio, que acompanhava de longe a fundação do MNU, reuniu amigos e interessados e fundou o Centro de Cultura de Emancipação da Raça Negra. Ele conta que o centro representou o fortalecimento de manifestações espalhadas pela cidade, que unidas conseguiram levar às comunidades locais as idéias e lutas do movimento. Mais tarde, porém, esse primeiro grupo, devido a divergências de opinião, se dividiu e o Cecerne se transformou num braço do Movimento Negro Unificado, do qual Sylvio não participa.

Apesar de não participar ativamente de grupos ou movimentos, Sylvio continua a sua dedicação à luta pelos direitos de sua raça, através da publicação de livros e artigos em jornais e revistas, além de preferir palestras no País e no Exterior. “Apesar da evolução no campo cultural, ainda temos um longo caminho a percorrer em defesa dos nossos direitos”, assinala.

Olinda festeja dia afro-brasileiro

A Fundação de Cultura, Turismo e Esportes da Prefeitura de Olinda iniciou ontem, prolongando-se até o dia 25 deste mês, no Mercado da Ribeira, a Semana da Consciência Negra, com a participação do Centro de Cultura Afro-Brasileiro (CCAB), Movimento Negro Unificado - (MNU), entidades negras pernambucanas e Centro Solano Trindade.

Na abertura do evento, estavam presentes representantes de

entidades que apoiam ou participam dos movimentos em defesa dos direitos da raça negra. Hoje, haverá apresentação de Afoxé Afro-Senzala e do Grupo de Capoeira. Amanhã, exibe-se o Afoxé Axé Irmãos da África e no dia 23, Axé da Lua e Lamento Negro Grupo Capoeira.

No dia 24, no Mercado da Ribeira, às 20h, haverá conferência sobre a história do negro em Pernambuco, com a presença da escritora Inaldete Pinheiro. A programação

do dia será encerrada com um arrastão reunindo o povo negro pelas ruas de Olinda.

A Semana da Consciência Negra será concluída, dia 25, a partir das 22h, no Clube Atlântico Olindense, com a festa "Noite do viva e revolta da chibata", promovida pelo grupo Irmãos da África. A Prefeitura de Olinda, através da Fundação de Turismo, Cultura e Esportes, incorporou-se às comemorações do Dia Nacional da Consciência Negra.